

O indígena e a recepção: um outro lugar na informação noticiosa

The indigenous and the reception: another place in news information

DOI: 10.46814/lajdv4n3-041

Recebimento dos originais: 31/03/2022

Aceitação para publicação: 18/04/2022

Sônia Kaingáng

Pós-Graduada em Educação, Diversidade e Cultura Indígena.

Instituição: Organização Indígena Instituto Kaingáng - Inka

Endereço: Avenida Natálio Vieira, nº 870, centro, CEP: 99145-000, Coxilha - RS

E-mail: indigena.jornalista@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo apresenta uma pesquisa de recepção em comunicação das mensagens jornalísticas de temática indígena produzidas pela Universidade Federal do Tocantins, instituição conhecida pela presença de estudantes que pertencem a diferentes povos indígenas brasileiros. Aponta o grau de identificação dos universitários indígenas e o que pensam em relação a estas informações, acessadas a partir de um veículo impresso comum a toda a academia. Mostra o resultado da análise de notícias extraídas deste meio no ano de 2010, demonstrando uma retratação carregada por abordagens tradicionais típicas dos demais meios impressos. Propõe considerações que podem contribuir para a conscientização sobre o consumo de informação acerca dos povos originários naquele contexto, e quem sabe, para a midiaticização indígena de modo geral, mesmo tratando-se de um universo particular como esta instituição de ensino superior.

Palavras-chave: povos indígenas, estudos de recepção, universidade, midiaticização indígena.

ABSTRACT

The article presents a research on the reception in communication of journalistic messages with indigenous themes produced by the Federal University of Tocantins, an institution known for the presence of students belonging to different Brazilian indigenous peoples. It points out the degree of identification of indigenous university students and what they think about this information, accessed from a printed vehicle common to the whole academy. It shows the result of the analysis of news extracted from this medium in the year 2010, demonstrating a portrayal loaded by traditional approaches typical of other print media. It proposes considerations that can contribute to the awareness of the consumption of information about the native peoples in that context, and who knows, to the indigenous media in general, even when dealing with a particular universe such as this institution of higher education.

Keywords: indigenous peoples, reception studies, university, indigenous mediatization.

1 INTRODUÇÃO

Em um estudo de recepção, a busca por novas formas de ver e compreender o receptor em comunicação é sempre uma questão desafiadora e nesta lógica os povos indígenas ganham destaque entre uma infinidade de outros receptores ou consumidores de informação.

Esta preeminência diz respeito à abrangência sociocultural destes povos e seus integrantes, com trajetórias e formações diversas, o que os aproxima dos desafios contemporâneos que recaem sobre o contexto da comunicação, marcado por uma relação complexa entre as modernas tecnologias e as pessoas (SOUSA, 1995).

Com isso, a recepção em comunicação é o foco da pesquisa abordada neste artigo, tema pioneiro em toda a América Latina e países como o Brasil, onde as sociedades indígenas formam em seu conjunto, um campo carente de iniciativas que as situem, não apenas em relação a um determinado canal ou meio, mas, através de necessidades e problemas.

Sob esta ótica, a pesquisa foi baseada em pontos comuns dos receptores indígenas como sua presença no ensino superior no país e ainda, no dever do jornalismo em considerar outros modos de compreendê-los enquanto integrantes de sociedades contemporâneas distintas.

Esta pesquisa reforça, no contexto do jornalismo brasileiro, mesmo em um universo particular de uma instituição de ensino superior, a existência de um senso comum do indígena na mídia apontado em um pensamento vigente que domina um ou vários estratos sociais, e que são aceitos pela sociedade sem qualquer senso crítico (MELO, 2008, p. 5), e agravado em circunstâncias como a circulação em massa de jornais, onde “as mensagens transmitidas pelas indústrias da mídia são, geralmente, acessíveis a audiências relativamente amplas” (THOMPSON, 1998, p. 287).

O objeto de estudo é o boletim informativo *Presente*, principal meio de comunicação impresso da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no ano de 2010, instituição reconhecida pela presença de estudantes indígenas de povos e regiões diferentes do país, sobretudo jovens, em busca de formação universitária, uma das grandes demandas destes povos, hoje (LUCIANO, 2006, p. 25).

Neste cenário, o potencial da universidade é destacado enquanto local onde estão presentes, quem sabe, as futuras lideranças indígenas, consideradas um recorte representativo de seus povos em termos de formação de opinião, uma vez que estas, recebem tarefas específicas para atuar diretamente nas relações com a sociedade não indígena (LUCIANO, 2006, p. 65).

Entre as principais observações da revisão da literatura deste estudo, que ocorreu talvez, sob o risco de generalizar alguns aspectos dos povos indígenas que, entre outras questões, são bastante complexos, se encontra a realidade antiga das noções controversas ligadas aos povos originários, nas quais a profundidade de seu universo foi desconsiderada desde os primeiros relatos escritos na história do país e que serviram de base para a reprodução de outros ao longo do tempo.

Após o estudo de recepção foi realizada a análise do discurso das notícias com foco em temáticas indígenas extraídas de quatro edições do boletim *Presente*, seguindo a checagem do grau de identificação dos universitários indígenas em relação às mensagens jornalísticas do informativo a partir de questionários respondidos pelos estudantes indígenas no final de 2010.

Esta pesquisa limitou-se neste artigo às considerações mais importantes na relação entre os receptores indígenas e o veículo em questão, na análise resumida de duas notícias do objeto de pesquisa e uma exposição breve sobre os resultados dos questionários.

Embora o informativo possa parecer distante de outros textos midiáticos, ele preserva abordagens tradicionais típicas dos demais meios impressos acerca do indígena, mesmo em uma instituição que dispensa atenção particular aos povos indígenas e que por suas próprias finalidades, é apontada como um centro de produção de conhecimento (KUNSCH, 1992).

Por isso, explicar a realidade dos textos e sua relação com o cotidiano dos indígenas pode contribuir para a conscientização sobre o consumo de informação acerca destes povos naquele contexto, e quem sabe, para a midiaticização indígena de modo geral.

Finalmente, na prática de um tratamento cada vez mais rigoroso da notícia realizado pelo jornalismo acerca do indígena e no avanço permanente da recepção em comunicação, que deve ser refletido nos diversos meios de comunicação em todo o mundo.

2 AS SOCIEDADES INDÍGENAS E A COMUNICAÇÃO ESCRITA

A escrita enquanto meio importante de comunicação trouxe impactos nos modos de interagir das sociedades indígenas brasileiras, tradicionalmente ágrafas. É através do código escrito, por exemplo, que os registros quinhentistas atravessaram os séculos e precisam o momento em que as sociedades indígenas foram objeto de múltiplas imagens e conceituações.

Destaca-se com isso, na revisão de literatura desta pesquisa, os possíveis efeitos de sentidos concebidos pelo processo da comunicação escrita, especificamente no cenário histórico da colonização e por parte daqueles que dominavam as formas de linguagem escrita, dando origem a primeira versão da história oficial de que se teve notícia. Versão que segundo Prezia (1991, p. 6), “nos iludiu com muitas interpretações parciais dos fatos, justificando e favorecendo o domínio português, com o qual estava comprometida. Assim se divulgaram muitos enganos e preconceitos”.

A compreensão daquela época, transmitida por meio da linguagem escrita, acarretou consequências tais como, “uma série de ambiguidades e contradições ainda hoje presentes no imaginário da sociedade brasileira e dos próprios povos indígenas” (LUCIANO, 2006, p. 34).

É nesse cenário que se encontra o próprio sistema tradicional de ensino brasileiro:

[...] que prima pela reprodução de uma ordem social estratificada da sociedade, onde as classes hegemônicas reproduzem seus valores e seus princípios de orientação da conduta social, e as culturas dos grupos sociais minoritários são estereotipadas ou silenciadas (BANDEIRA, apud, JANUÁRIO, 2002, p. 20).

Observa-se que, grande parte dos primeiros relatos escritos no Brasil desconsideraram a

complexidade acerca de povos indígenas e que serviram de base para a reprodução de outros, sistematicamente ao longo do tempo, onde “as contradições e os preconceitos têm na ignorância e no desconhecimento sobre o mundo indígena suas principais causas e origens” (LUCIANO, 2006, p. 35).

Contra esta perspectiva encontram-se obras singulares como a de Staden (1974) e Léry (1926), que conviveram com sociedades indígenas por volta de 1550. Seus relatos apresentam com precisão etnográfica os modos de vida indígena, desde aspectos simples do cotidiano aos mais complexos, como os ritos religiosos. Contudo, embora a riqueza na descrição sobre aspectos das sociedades indígenas tenha consagrado obras como as destes escritores, muitas lacunas restaram e uma vasta rede de informações sobre os povos indígenas permaneceu integrando uma cultura parcialmente conhecida.

Os relatos de Staden (1974) e Léry (1926), assim como as escolas catequizadoras, revelam que, já no período da colonização, algumas sociedades indígenas tiveram contato com a escrita. Entretanto, para Martino (2001, p. 16), a informação enquanto comunicação, “não é comunicação senão de modo relativo”, uma vez que, “primeiramente, ela é comunicação em relação àqueles que podem tomá-la enquanto tal, isto é, não como coisa, mas como da ordem do simbólico” (MARTINO, 2001, p. 16).

Esta consideração reforça as dificuldades de relacionamento enfrentadas no início do contato dos grupos indígenas com indivíduos de outras sociedades, em que se destaca principalmente a barreira linguística em relação à escrita no processo de interação e compreensão das lógicas pertencentes a cada sociedade.

E embora se ressalte o valor da tradição escrita como conquista humana e seu dom inerente de atravessar os séculos, relacionada à sua eficiência (INFANTE, 2001, p. 13), é preciso ponderar que seu uso, quando associada ao processo evolutivo do homem, pode obedecer a conceitos que remetem ao nivelamento de outras formas de armazenamento de informação, como no caso da cultura indígena, registrada tradicionalmente de forma oral.

Mesmo com todos estes desafios, Thomaz (1998, p. 439) reafirma que “os grupos indígenas têm demonstrado uma grande capacidade de resistência na reelaboração contínua de seu patrimônio cultural a partir dos valores próprios da sua sociedade”. Além, é claro, da relevância sobre a abertura da historiografia moderna em relação aos papéis desempenhados pelos povos indígenas, consequência de um processo de renovação do conhecimento, que ocorre de forma natural com o passar do tempo.

Estes apontamentos integram assim, um recorte específico que constitui um cenário contemporâneo desafiador para e sobre povos indígenas, no qual destaca-se o fenômeno do crescimento desta população em áreas urbanas, sobretudo de jovens estudantes em busca de formação universitária, tema do tópico seguinte, com foco nos indígenas e o ensino superior. Será dada atenção particular à região norte do Brasil, especificamente o estado do Tocantins e a presença de universitários indígenas e suas demandas na Universidade Federal do Tocantins.

3 INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR: A UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Os povos indígenas perfazem atualmente 0,4% da população do país (IBGE, 2010), em um total de 305 povos falantes de 274 línguas, o que coloca o Brasil em uma posição significativa por abrigar a maior diversidade cultural da América Latina.

No Brasil, existem critérios de autodefinição de identidade étnica com boa aceitação entre os povos indígenas, porém não são considerados únicos e nem excludentes, os quais são:

“continuidade histórica com sociedades pré-coloniais; estreita vinculação com o território; sistemas sociais, econômicos e políticos bem definidos; língua, cultura e crenças definidas; identificar-se como diferente da sociedade nacional¹ e vinculação ou articulação com a rede global dos povos indígenas” (LUCIANO, 2006, p. 27).

Outras diferenças são aquelas encontradas entre os povos nativos na época da colonização portuguesa e os povos indígenas da atualidade que dizem respeito ao tempo e a população desses povos, bem como, à questão cultural e à perspectiva de mundo que envolve passado, presente e futuro, (LUCIANO, 2006, p. 17).

Sendo assim, para garantir uma base mais sólida de interpretação, foram usados pontos em comuns dos receptores indígenas como a identidade que os distingue da sociedade nacional, sua presença no ensino superior e as predisposições a que estão inclinados nesta formação universitária, que compreende o cenário mais amplo de lutas destes povos hoje.

Esta é uma alternativa crescente entre estudantes indígenas no país, que em partes, se deve à política de ações afirmativas, iniciada nos anos 90 e adotada gradativamente por governos, instituições de ensino e iniciativas privadas (LUCIANO, 2006, p.162).

Entre os vários modelos em aplicação está o da Universidade Federal do Tocantins (UFT), posicionada na Região da Amazônia Legal no Norte do Brasil e que ganhou notoriedade em 2005 com a aprovação de indígenas através das cotas, estabelecidas para estes estudantes em 5% das vagas oferecidas em todos os cursos desta Instituição de Ensino Superior (IFE), resultado de persistentes discussões, particularmente lideradas por professores indígenas.

A UFT, atualmente classificada na lista das melhores universidades da América Latina e Caribe pela organização internacional Times Higher Education², tornou-se pioneira no país ao implementar cotas para estudantes indígenas de todo o território nacional, gerando o desenvolvimento de debates sobre a luta pelo acesso e permanência de indígenas no ensino superior e que seria refletido nos anos seguintes, na adesão desta política de acesso para indígenas por outras universidades nos demais

¹ O termo refere-se neste contexto, a todos aqueles pertencentes à sociedade brasileira residentes no país e que não são considerados indígenas.

² <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/federal-university-tocantins>

estados brasileiros, e que por fim, culminou na aprovação da Lei 12.711, Lei de Cotas, onde se deu a obrigatoriedade da reserva de vagas para indígenas no ensino superior do Brasil em 2012.

Entretanto, em termos ideais, a educação obtida pelos indígenas nas universidades federais brasileiras, sem exceção, ainda permanece afastada do modelo de educação indígena almejada, específica e culturalmente diferenciada que é um lugar no qual os conhecimentos próprios e das demais culturas deve se articular (RCNEI, 1998, p. 24).

Ainda assim, a universidade pode garantir uma experiência importante a estes estudantes, por se tratar de um local estratégico na aquisição de conhecimentos que revertam no fortalecimento de projetos sociais, das culturas e autonomia intelectual dos povos indígenas.

Em 2010, dados da UFT apontavam para um total de 104 universitários graduandos em cursos variados e pertencentes a catorzes povos indígenas, em geral, do Tocantins e demais estados brasileiros, a saber, dos grupos: Apinajé (TO), Bakairi (MT), Javaé (TO), Kaingáng (RS), Karajá (TO), Karajá-Xambioá (TO), Krahô-Kanela (TO), Macuxi (RR), Pankará (PE), Pankararu (PE), Pataxó (BA), Tapuia (PA), Tapajós (PA) e Xerente (TO).

Mesmo entre esta diversidade de povos na academia, evidenciou-se uma tradição entre os estudantes indígenas voltada à coletividade, prestigiada por povos indígenas como senso de organização e que reforçou uma participação ativa dos indígenas na UFT e uma produção acadêmica expressiva, observada no Grupo de Trabalho Indígena (GTI) da UFT, criado no período com o objetivo de incentivar ações de pesquisa, ensino e extensão direcionadas aos indígenas.

Ao longo de 2010, três grandes eventos com temática indígena foram realizados na UFT: o 3º Fórum Social Indígena, a 1º Assembleia dos Povos Indígenas de Goiás e Tocantins e a 1º Semana Acadêmica Indígena, sendo esta, de autoria dos estudantes indígenas através do GTI. Nos eventos, houve colaboração direta dos universitários na redação dos documentos finais, o que traduz uma legitimação adquirida em termos de sintonia junto às lideranças indígenas tradicionais e marca o nascimento de futuras lideranças, baseada na capacidade de se relacionar com o mundo não indígena como falar o português e ter bom nível de escolaridade (LUCIANO, 2006, p. 66), o que coloca o domínio da escrita como fundamental, no sentido de registrar os acontecimentos a partir das percepções próprias destes povos.

Ainda em 2010, os estudantes indígenas realizaram o lançamento de um livro sobre suas trajetórias de vida, aplicaram projetos de extensão em aldeias indígenas tocantinenses e publicaram um jornal laboratório voltado às suas demandas de informação na universidade.

Quanto à permanência destes estudantes na UFT, esta apresenta demandas semelhantes ao de outras universidades como a manutenção dos custos na cidade, dificuldades na produção acadêmica e desistências. Entretanto, um dos grandes desafios decorrentes da presença indígena nesta academia foi

traduzido por esta pesquisa a partir da veiculação de informação jornalística sobre os estudantes indígenas acessadas no interior desta instituição de ensino superior.

4 INFORMAÇÃO NOTICIOSA: O BOLETIM PRESENTE DA UFT

A universidade enquanto centro de produção de conhecimentos deve refletir as proposições acerca da pesquisa, das discussões e do progresso nas diversas áreas do saber (KUNSCH, 1992), o que inclui a atualização de temas acerca das populações indígenas.

Às que dispensam atenção particular aos povos indígenas como a UFT, apresentam um cenário no quadro do ensino superior no país, onde ocorre uma mobilização de debates, cujos resultados para a produção de conhecimento tendem a crescer.

Na universidade, um elemento que compõe a questão da comunicação é a notícia, entendida como uma representação social do cotidiano produzida institucionalmente e que apresenta a construção de um mundo possível (TAVARES e BERGER, 2010, p. 29).

É assim que, em 2010, o boletim informativo Presente produzido pela Diretoria de Comunicação da UFT, se destaca como principal veículo de caráter impresso, responsável por retratar os principais acontecimentos que serão noticiados quinzenalmente a toda a instituição.

Contudo, a presença dos indígenas na UFT trouxe desafios a esta instituição, observados aqui, de forma parcial, nas demandas geradas a partir da política de ações afirmativas indígenas em 2005 e que recaem no contexto da informação noticiosa da UFT.

O aumento desta minoria também resultou na ampliação de espaços voltados às notícias referentes ao indígena e suas questões, porém retratados de forma parcial sob a realidade de seus cotidianos na UFT e quanto às perspectivas destes povos na contemporaneidade.

Estas mensagens jornalísticas sobre os indígenas, com circulação em toda a UFT através do Presente, podem ganhar novas dimensões quando relacionadas ao senso comum estabelecido sobre o indígena na notícia, difundido inclusive pela mídia brasileira, no qual vigora uma visão estereotipada e preconceituosa (MELO, 2008, p. 5). É esperado, por isto, que universidades como a UFT, em face de uma discussão mais intensa em torno das questões indígenas, transpareçam este fator no tratamento das notícias divulgadas em seu circuito acadêmico.

Por isto, a notícia deve ser vista como uma construção da realidade em meio a uma série de negociações executadas neste processo (MONTEIRO, 2003, p. 144), sendo pertinente considerar que as notícias da UFT acerca dos indígenas possam acontecer sob a ótica de uma sociedade não indígena e que resulta numa retratação sobrecarregada de influências.

5 RECEPÇÃO: O LUGAR DA NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS

Novas compreensões sobre o lugar do receptor vêm sendo pesquisadas, sobretudo, nas relações entre os veículos e os receptores (SOUSA, 1995, p. 13), caso desta pesquisa. Com isso, a teoria da recepção vê a comunicação como um encontro de mundos, a partir do lugar ou momento em que realmente acontece a negociação de sentidos (BAPTISTA, 1997, p. 8).

Esta pesquisa buscou avaliar o grau de identificação dos universitários indígenas com as mensagens jornalísticas produzidas pelo boletim Presente, de forma a evidenciar a distância entre a realidade dos indígenas e o que é noticiado, apontando o que pensam sobre estas informações divulgadas amplamente no interior da instituição onde estão presentes.

Ainda sobre os estudos de recepção, é a partir dos anos 90 que passam a ganhar contornos importantes, de forma a capturar a habilidade de atuação dos grupos sociais nas diversas esferas, configurando um dos pontos mais relevantes dos estudos culturais latino-americanos.

Esse novo quadro tem permitido o repensar da prática cotidiana em torno de questões referentes sobre como as pessoas encontram elos para estabelecer relações consigo mesmas, como se veem e como constroem sua identidade de sujeito (SOUSA, 1995, p. 34).

Apesar do reconhecimento de que veículos exerçam influência na rotina diária, nas relações pessoais e de trabalho dos indivíduos, ainda é pouco possível medir o quanto o conhecimento jornalístico, no caso das mensagens veiculadas acerca dos indígenas, pode afetar os sujeitos que o recebem, e também seu grau de influência na sociedade (TAVARES e BERGER, 2010, p. 33).

Para reduzir esta indeterminação é comum o emprego de pesquisas de monitoramento sobre as audiências, o que pode depender crucialmente da natureza e da extensão da recepção (THOMPSON, 1999, p. 290). Sobretudo, é no exame ao modelo de comunicação que um dos maiores estudiosos da recepção, o autor Jesús Martín Barbero, tem debruçado o olhar.

Contestador do modelo mecânico, ainda em uso, no qual não há verdadeiros atores e intercâmbios e comunicar é fazer chegar uma informação, um significado pronto, de um polo a outro (BARBERO, 2005, p. 40), este autor sustenta um modelo de comunicação que vê a recepção como um lugar novo e não como objeto, onde se pode rever e também repensar o processo de comunicação nos países, nas culturas e nas sociedades (BARBERO, 2005, p. 42).

É assim que, no âmbito do jornalismo, a exigência por atualização de informações acerca do indígena se torna fundamental para uma produção noticiosa de qualidade, que respeite o conjunto dos povos indígenas brasileiros e suas concepções diferenciadas.

Por fim, o olhar em busca de um lugar novo na recepção pode ser uma resposta contemporânea no combate ao senso comum acerca do indígena no contexto da informação noticiosa, em que as mensagens são transmitidas, em geral, a audiências relativamente amplas.

6 METODOLOGIA

Os passos na produção desta pesquisa foram iniciados com a escolha da recepção em comunicação como tema norteador. Sendo assim, este artigo decorre de um estudo de recepção das mensagens jornalísticas da UFT sobre temas indígenas junto aos seus estudantes indígenas.

O procedimento usado foi o estudo de caso, tendo como objeto de pesquisa o boletim Presente, elaborado quinzenalmente pela UFT e consumido em toda a academia. A escolha do objeto está centrada em sua importância enquanto principal meio impresso desta instituição e devido sua produção jornalística referenciar a presença de estudantes indígenas em seu interior.

Quanto ao problema de pesquisa foi questionado se a UFT desempenha uma comunicação eficaz junto aos seus estudantes indígenas, com base na produção do boletim Presente, partindo da hipótese de que os mesmos não se identificam com as mensagens jornalísticas deste informativo. O objetivo geral foi verificar a identificação dos indígenas com as mensagens do Presente e buscar explicar a realidade dos textos e sua relação com o cotidiano destes estudantes.

Então, quanto aos objetivos, esta pesquisa é considerada explicativa, sendo que para atingir seus resultados, foram apresentados os seguintes objetivos específicos: a contextualização do estudo de recepção com ênfase na relação entre veículos de comunicação impressa e receptor indígena, a investigação do relacionamento entre povos indígenas e sociedades nacionais e a influência deste processo na comunicação escrita, e o exame dos critérios de noticiabilidade na produção jornalística impressa veiculada sobre povos indígenas.

Pesquisas complementares foram realizadas em conjunto para a concretização dos objetivos do trabalho, sendo estas, a pesquisa bibliográfica, de campo e a análise de discurso. A de campo foi aliada ao uso de questionário com dez perguntas do tipo semiabertas, aplicado a um grupo de trinta (30) estudantes indígenas da UFT, campus de Palmas. A análise teve como objeto quatro notícias de temática indígena do boletim Presente, selecionadas de forma aleatória em 2010, de forma a investigar possíveis efeitos de sentido concebidos a partir das informações sobre povos indígenas, representados na UFT por seus universitários indígenas.

Após as observações da análise do discurso e da interpretação dos questionários aplicados aos indígenas para verificar o grau de identificação dos mesmos com as mensagens produzidas pelo boletim Presente, foram depreendidas as considerações finais do trabalho.

Por questões de espaço, serão apresentados os resultados da análise de apenas duas notícias do boletim Presente, em que as imagens fotográficas também foram levadas em consideração, tratadas como discurso. As edições analisadas correspondem a junho e outubro de 2010.

7 BOLETIM PRESENTE: MÊS DE JUNHO

A edição nº 42 da primeira quinzena (p. 2 e 3), traz a manchete “*UFT, celeiro da diversidade*” e retrata a ocorrência de dois eventos, a 1º Assembleia dos Povos Indígenas de Goiás e Tocantins e o Congresso Brasileiro de Zootecnia (Zootec), no campus de Palmas.

Em uma contextualização em três níveis apresentada por Pinto (2002) como instrumento de investigação dentro da análise do discurso, que são o contexto situacional imediato, institucional e sociocultural mais amplo, se destaca aqui, o contexto institucional, que trata sobre a obrigação de noticiar acontecimentos considerados relevantes em seu âmbito de atuação, mas também, evitar que outras ocorrências se tornem públicas (MONTEIRO, 2003).

Neste caso, a universidade se mostra como agente beneficiador, pois “*Índios contam com políticas afirmativas*” (quadro, p. 3), retirando a visibilidade dos indígenas e seu papel como agentes políticos de discussão, fato que não condiz com os critérios de interesse da notícia sobre o que deve ser divulgado.

O enquadramento do público da 1º Assembleia ao ar livre (p. 2, foto inferior à esquerda), a ênfase dada à indígena ao microfone solicitando ajuda adequada (p. 3, foto superior à direita) e o indígena de costas com a cabeça baixa (p. 3, foto superior, lateral à direita) contrastam com as imagens do Zootec, onde se vê outra realidade, com poltronas, instalações de luz, som e imagem (p. 2, foto superior à esquerda), que dispõe de infraestruturas como a Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da UFT (p. 3, primeira foto inferior, da esquerda para direita), em que um procedimento médico a um pequeno animal reúne uma equipe de cinco pessoas (foto inferior do meio), ou seja, outra sociedade, bem estruturada e avançada, de forma que nela, os próprios animais são tratados de forma digna e adequada.

Estas imagens, observadas em seu conjunto mostram o preconceito difundido pela mídia brasileira sobre as culturas indígenas: o primitivismo ou a fragilidade e que justificaria as preocupações paternalistas que seguem essa noção (GALLOIS e CARELLI, 1998) e contrastam as diferenças e posições ocupadas por um público e outro no contexto da notícia.

Por isto, a formação orientada na universidade e refletida em seu meio, pode contribuir para o aceleração dos debates acerca de influências de carga social, cultural e ideológica, pois exerce papel relevante na construção de uma sociedade que atenda às exigências de seu tempo, incluindo a revisão de preconceitos e o respeito às diferenças culturais.

Figura 1 – Edição nº 42, com circulação na primeira quinzena do mês de junho de 2010 do boletim informativo *Presente*, que traz a notícia “*UFT, celeiro da diversidade*”:

UFT, celeiro da diversidade



Este mês a Universidade Federal do Tocantins abrigou dois eventos de porte nacional: o Congresso Brasileiro de Zootecnia – Zootec 2010, o primeiro a ser realizado na Amazônia Legal; e a I Assembleia dos Povos Indígenas de Goiás e Tocantins. Abordando temáticas conceitualmente diferentes, os dois eventos ocorreram dentro da UFT, no Campus de Palmas, ratificando o espaço da Universidade como agregador e fomentador da diversidade de opiniões.

O Zootec 2010 ocorreu de 24 a 28 de maio, e reuniu profissionais de todo o país na discussão de temas que foram desde a alimentação para animais de pequeno e grande portes até agricultura familiar, aquicultura e agronegócio. O Zootec também abrigou eventos correlatos, como fóruns, minicursos, simpósios, workshops e a Reunião Nacional de Ensino de Zootecnia e o V Encontro de Pastagens do Tocantins, além de eventos culturais.

Índios – Etnias dos estados de Goiás e Tocantins discutiram, no mesmo período, questões relacionadas à saúde, educação, transporte e demarcação de terras, regularização fundiária e impactos de grandes empreendimentos em terras indígenas. Os temas foram debatidos em mesas-redondas, palestras e debates.

Durante a Assembleia foi realizada uma audiência pública com a participação do Ministério Público Federal, Funasa e secretaria estadual da Educação (Seduc) para discutir os principais pontos demandados pelos índios, Saúde e educação foram necessidades mais apontadas pelos indígenas.

Eliane Ferreira, uma das coordenadoras do Cimi para a região Goiás-Tocantins, diz que o evento pode ser considerado histórico. “Os índios conseguiram colocar em pauta tudo o que eles queriam reivindicar”, pontuou. Para Eliane, os próprios índios decidiram realizar o evento na UFT, “por ser um espaço político importante, que traz visibilidade para o evento, com participação de professores e estudantes e também pela segurança”, disse Eliane, enfatizando que a UFT abriu uma porta única para os povos indígenas. “Não é toda universidade que faz isso. Antes do evento foram seis meses de diálogo com a Universidade”, revela.

Índios contam com políticas afirmativas

Na UFT os indígenas contam com políticas afirmativas e de permanência:

Cotas – 5% das vagas nos cursos são destinadas a indígenas e descendentes

GTI – O Grupo de Trabalho Indígena atua com trabalhos acadêmicos voltados para as aldeias indígenas, ajuda também na permanência do indígena na Universidade

Cepgir – Comissão Especial para Promoção de Políticas de Igualdade Racial atua com a permanência indígena na UFT.



Ciência animal é destaque

A Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMVZ), do Campus da UFT em Araguaína, tem se destacado na área de pesquisa, especialmente na Ciência Animal. A Escola conta com: Hospital Veterinário; Centro de Bovinocultura; Laboratórios de Ciência Animal; Mestrado em Ciência Animal; Doutorado em Ciência Animal, o primeiro da UFT e também da região Norte do País.



Universidade Federal do Tocantins

Presente

Universidade Federal do Tocantins

Presente

7.1 BOLETIM PRESENTE: MÊS DE OUTUBRO

Edição nº 46, segunda quinzena (p. 2), com a notícia “*UFT promove o 1º Seminário de Extensão e Cultura*”, que trata sobre o 1º Seminário de Extensão e Cultura promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (Proex) da UFT.

Em seu decorrer, a notícia apresenta a universidade enquanto instituição formal, evidenciada pela maneira como se organiza internamente e refletida em sua relação com a produção do saber e o acesso ao conhecimento, especialmente, através da cultura letrada.

Três seminários são citados na notícia, um deles, referente à Extensão Indígena. São mencionadas as atividades em conjunto dos seminários que reúnem discussões, momentos de relatos e interação entre os participantes, oficinas, minicursos e apresentações culturais.

Os indígenas são retratados no cotidiano da universidade (foto superior à direita), porém de forma neutra, alinhados com a informação que referencia a 1º Semana Acadêmica Indígena como um breve “*Seminário da Extensão Indígena*” (2º parágrafo, linha 5). Este evento foi na realidade,

organizado de forma independente pelos indígenas, de caráter pioneiro no país entre estudantes que ingressaram pelas cotas e teve como objetivo, o questionamento contundente por parte dos estudantes indígenas, sobre as diversas posturas adotadas pela UFT em relação ao tratamento dado às políticas de permanência indígena. O contexto da notícia não demonstra este cenário, mas traz a impressão de um espaço organizado e disciplinado, onde os universitários indígenas realizam tranquilamente suas leituras e outros não indígenas dançam (foto superior à esquerda) e se exercitam (foto inferior à esquerda), tudo realizado de forma organizada e pacata.

Figura 2 – Edição 46, com circulação na segunda quinzena do mês de outubro de 2010 do boletim informativo *Presente*, que traz a notícia “*UFT promove o 1º Seminário de Extensão e Cultura*”:

UFT promove o 1º Seminário de Extensão e Cultura

Costumeiramente ouvimos falar sobre o “tripé” da universidade, ou seja, a Pesquisa, o Ensino e a Extensão. Parte integrante de qualquer instituição de ensino superior, a Extensão é importante porque é a forma de a universidade difundir o que é produzido nela (ensino e pesquisa) através das demandas apresentadas pela sociedade.



Nos próximos dias 27 a 29 de outubro, a UFT promoverá o seu 1º Seminário de Extensão e Cultura, no Campus de Palmas. Simultaneamente estarão ocorrendo também seminários da Extensão Indígena, dos Núcleos da UFT e do programa Conexões de Saberes – todos ligados à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (Proex).

De acordo com o projeto do Seminário, além das discussões em torno da própria extensão universitária, ocorrerão relatos de experiências, apresentações de trabalhos em forma de painéis, palestras, mesas-redondas, oficinas, minicursos e apresentações artísticas diversas.





Cultura

A programação do I Seminário de Extensão contempla ainda a parte cultural. Além de um grande show com uma banda de renome estadual, cada campus terá uma tenda específica onde grupos locais (de cada cidade) farão apresentações artísticas. O espaço também servirá de base para exposição de trabalhos de extensão desenvolvidos em cada campi, de modo que cada unidade possa mostrar o que está ocorrendo em cada uma das cidades.

Universidade Federal do Tocantins
Presente

8 INDÍGENAS: UM OUTRO LUGAR NA INFORMAÇÃO NOTICIOSA

Os dados obtidos neste segundo item de análise apresentam o perfil dos indígenas questionados nesta pesquisa em que predomina um público jovem masculino, pertencente aos povos tradicionais do Tocantins e graduandos em cursos considerados estratégicos para estas sociedades como a saúde, a educação e o meio ambiente.

De acordo com os questionários, a maioria destes universitários mostra um interesse elevado por qualquer assunto que os envolva na UFT, mas, em relação ao Presente, os dados apontam que, apesar de conhecerem o boletim, os indígenas realizam apenas leituras esporádicas em suas páginas, não alcançando o propósito da circulação do boletim junto a estes estudantes.

Os indígenas consideram a apresentação das notícias sobre temática indígena insuficiente, mostrando certa rejeição ao boletim e a opção por uma elaboração mais trabalhada sobre estes temas em suas páginas.

Para os universitários, o meio de maior relevância na UFT é o site da instituição, contudo, os indígenas reforçam o papel do jornal como importante veículo no interior da UFT.

Aos universitários, é solicitada a sugestão de questões indígenas para adentrar o circuito de informação do boletim. As propostas de temas revelam a existência de outra dinâmica que não se encontra, nem circula tradicionalmente sobre os indígenas na UFT, como as contribuições diretas dos universitários em setores da UFT e que justificariam um aumento de notícias.

No geral, os apontamentos mostram sinais de insatisfação dos estudantes sobre o conteúdo das notícias do Presente e suas mensagens, o que provoca uma rejeição ao boletim junto aos indígenas. Assim surge uma nova espécie de “bandeira de luta”, na qual os indígenas reivindicam não só mais espaços no interior da notícia, como também um refinamento das informações em termos de atualização e coerência em relação ao que os cerca e nos dias atuais.

Somado a isso, os indígenas apresentam a expectativa por um veículo exclusivo que aborde suas demandas, o que revela um espaço a ser explorado em termos de informação jornalística sobre este público no âmbito da UFT. Porém, o dado mais significativo é que a maioria dos indígenas acredita que as informações têm impacto sobre suas imagens na universidade, justificada nas respostas que demonstram a preocupação destes universitários sobre a elaboração, a forma e o conteúdo dado às notícias veiculadas sobre os mesmos na UFT.

É possível afirmar então, que devido a este fator, as reflexões dos indígenas apresentam um grau de criticidade elevado, importante para o resultado do que se pensa sobre a produção e consumo de informação jornalística sobre estes povos, seja na UFT, ou de modo geral, na midiaticização acerca destas sociedades indígenas.

Por fim, esta avaliação apresenta o perfil de receptores indígenas que se tornam cada vez mais

cruciais quanto ao seu universo de vivência. Este quadro é de fato, um dos grandes desafios do jornalismo brasileiro, em especial, no contexto atual da midiaticização indígena, alvo de estudos e pesquisas correntes no país.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas brasileiros representam um desafio no cenário da comunicação, sobretudo em face das distinções inerentes a cada povo em si.

Em respeito a estas diferenças é que essa pesquisa sugere a prática de um tratamento cada vez mais rigoroso da notícia realizado pelo jornalismo, que tenha por meta, a garantia de uma informação atualizada sobre o conjunto destes povos brasileiros.

É neste sentido que a recepção vem sendo entendida em larga escala, por meio da concepção de um lugar novo, no qual se deve rever todo o processo da comunicação com o objetivo de se avançar rapidamente.

No primeiro item de análise desta pesquisa, a desconstrução de vozes no interior dos textos jornalísticos, demonstra que as notícias se constituem em uma realidade socialmente construída, e suas mensagens, no caso, àquelas direcionadas aos indígenas, apresentam sobrecarga de influências de origem social e cultural. O segundo item, que concerne à aplicação dos questionários aos indígenas, aponta uma minoria de receptores que não pode ser desconsiderada no cenário da recepção.

Com formações diversas, os universitários indígenas apresentam um grau elevado de criticidade sobre informações que abordem seus circuitos próprios de conhecimento e espaços alternativos de saber e demonstram abertura quanto a inovações que confirmem novas roupagens à tradicional perspectiva sobre seus povos, vidas e cotidianos, rompendo com o senso comum estabelecido sobre eles. Esta consideração reflete certa distância mantida pelos universitários junto ao boletim da UFT e suas mensagens, carregadas por abordagens tradicionais típicas dos demais meios impressos e pouca inovadora em relação às expectativas destes universitários.

Nesta direção, a importância da presença indígena no ensino superior no Brasil é fundamental para que as diferenças ganhem contornos mais sérios quando entendidas por meio de conhecimentos que entram em choque no campo do conhecimento, em especial, na produção da diversidade de pensamentos em áreas críticas como o ensino, a pesquisa e a extensão.

Este artigo mostra, portanto, que a produção de notícias acerca de temáticas indígenas pode aumentar as chances de interesse destes povos e seus integrantes em relação ao seu conteúdo, mas não significa que alcance uma identificação com os mesmos. No mais, é necessário reconhecer que um outro lugar na informação noticiosa sobre indígenas é uma realidade possível e que precisa, cada vez mais, ser alcançada, aperfeiçoada e refletida nos diversos meios de comunicação em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **A subjetividade nos estudos de recepção**. GT – Estudos de Recepção, Santos, 1997, p. 8.
- BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2ª edição, 2006, p. 40, 42, 43.
- EUZEBIO, U.; FRANÇA, RCM.; REBOUÇAS, EM. Políticas públicas de ações afirmativas: indígenas sobre ingresso e permanência de estudantes do convênio FUB/FUNAI: Políticas públicas de ação afirmativa: reflexões sobre ingresso e permanência de estudantes indígenas do convênio FUB/FUNAI. **Revista Latino-Americana de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 3, n. 4, pág. 1906–1920, 2021. DOI: 10.46814/lajdv3n4-016. Disponível em: <https://latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/article/view/432>. Acesso em: 31 de maio. 2022.
- GALLOIS, Dominique T; CARELLI, Vicent. **Índios eletrônicos: uma rede indígena de comunicação**. São Paulo: Pletora, 1998, 1, 2, 3.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 18, 20, 23, 38.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD, p. 25, 65, 66, 162.
- MELO, Patrícia Bandeira. **O Índio na Mídia: Discurso e Representação Social**, 2008, p. 5.
- MONTEIRO, Graça França. **A notícia institucional**. In: DUARTE, Jorge (Org.). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia. São Paulo: Atlas, 2003, p. 144.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discurso**. São Paulo: 2º ed. Hacker Editores, 2002, p. 26, 28, 32, 36.
- Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI, Brasília, 1998, p. 24. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de educação fundamental.
- SOUSA, Mauro Wilton de. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 13, 34.
- TAVARES, Frederico M. B.; BERGER, Christa. **Na notícia e para além dela: o conceito de informação pelo jornalismo impresso**. João Pessoa, v. 20, n. 1, jan./abr. 2010, p. 29, 33. Disponível: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/3768/3417>. Acesso em: 19 de outubro de 2010.
- THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 287.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da tradução: Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 290.
- TIMES HIGHER EDUCATION. **The World University Rankings**. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/federal-university-tocantins>. Acesso em: 02 de junho. 2022.